

A produção do conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

The production of knowledge on philosophical learning in Brazil (1999 – 2022): what do the studies reveal?

Alexsandro da Silva Marques
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador-Brasil

Resumo

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma análise panorâmica das pesquisas que versam sobre aprendizagem filosófica no Brasil. Utilizando a pesquisa de estado do conhecimento, foram coletadas informações de teses e dissertações disponíveis nas principais bases de dados digitais BDTD e CAPES onde foram selecionadas e examinadas quarenta e sete produções científicas: teses e dissertações, produzidas entre 1999 e 2022. Os resultados demonstram uma distribuição heterogênea das pesquisas sobre aprendizagem filosófica em programas de pós-graduação *stricto sensu* por todo o território nacional. Entre os fatores identificados, destacam-se a localização das pesquisas por área de conhecimento, o predomínio de temáticas tradicionais, a concentração de pesquisas em determinadas regiões do país, o recorte de gênero na produção do conhecimento e a falta de estudos sobre aprendizagem filosófica na formação de professores, indicando um tema ainda pouco investigado.

Palavras-chave: Aprendizagem filosófica; Ensino de filosofia; Produção do conhecimento.

Abstract

The general objective of this research was to present a panoramic analysis of the studies concerning philosophical learning in Brazil. Using the state-of-the-art research approach, information was collected from theses and dissertations available in major digital databases such as BDTD and CAPES. Forty-seven scientific productions, including theses and dissertations produced between 1999 and 2022, were selected and examined. The results show a heterogeneous distribution of research on philosophical learning across *stricto sensu* postgraduate programs nationwide. Among the identified factors, the location of research by knowledge area, the predominance of traditional themes, the concentration of research in certain regions of the country, gender bias in knowledge production, and the lack of studies on philosophical learning in teacher training stand out, indicating a field that is still underexplored.

Keywords: Philosophical learning; Philosophy teaching; Knowledge production.

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

1. Introdução

O ensino e aprendizagem de filosofia passaram por transformações significativas ao longo das últimas décadas. Se nos anos 1950 o tema não era objeto de grande atenção acadêmica, com apenas algumas produções pontuais abordando o assunto, hoje testemunhamos um cenário completamente distinto. Conforme Velasco (2020), nos últimos dez anos, em particular, essa mudança tem sido notável. Discussões sobre questões como “O que é Filosofia?”, “Qual o valor formativo da Filosofia?”, “Seria possível uma didática geral?”, “O que seria uma aprendizagem filosófica?” e “Qual seria o caráter filosófico numa aprendizagem?” têm se entrelaçados com outras temáticas e conceitos filosóficos, tornando-se inseparáveis das teorias e do contexto mais amplo das obras em que são discutidas.

As pesquisas sobre o ensino de filosofia no Brasil, segundo Garcia (2021), Velasco (2019, 2011) e Gelamo (2009), frequentemente estão inseridas no contexto da pedagogia, revelando a falta de consenso sobre a própria definição da filosofia. A diversidade de fundamentos epistemológicos e teóricos influencia diretamente as abordagens adotadas nas pesquisas e nas práticas em sala de aula. No entanto, ensinar filosofia vai além da seleção de métodos didáticos; requer uma reflexão profunda sobre a natureza da filosofia em si, suas complexidades e potencialidades, e como deve ser ensinada de acordo com diferentes perspectivas filosóficas. Todavia, conforme Velasco (2019), atualmente, já podemos identificar no Brasil um campo de conhecimento denominado Ensino de Filosofia ou Filosofia do Ensino de Filosofia, abrangendo uma vasta produção bibliográfica e técnica situada na intersecção entre a Filosofia e seu ensino.

No âmbito do Ensino e Aprendizagem em Filosofia, reconhece-se que o ato de ensinar não implica necessariamente em aprendizado. Essa compreensão desafia a visão tradicional da pedagogia, considera o ensino e a aprendizagem como processos diretamente correlacionados e interdependentes, uma espécie de via de mão dupla. Contudo, este estudo adota a perspectiva crítica proposta por Sílvia Gallo (2012), ao questionar a premissa de que o conhecimento transmitido é assimilado. Gallo argumenta que a aprendizagem é um processo complexo, sem garantias de controle ou métodos definitivos para aprender, conforme temos os métodos de ensino.

Esta pesquisa, tem como objetivo apresentar um balanço crítico da produção científica focada no fenômeno da aprendizagem filosófica no Brasil, desafiando as convenções sobre a

relação entre ensino e aprendizagem, avançando nas dinâmicas específicas da aprendizagem em filosofia, a partir do olhar de seus/suas pesquisadores/as. O texto está organizado em três seções: na primeira, elucida-se o caminho metodológico, os descritores utilizados para extrair os trabalhos da base de dados e os procedimentos realizados no processo de exame e análise das teses e dissertações. A segunda seção, apresenta os dados preliminares, organizados em forma de gráficos, bem como, a interpretação destes resultados. Na terceira seção, as análises se centram nas teses, abordando três eixos temáticos: compreensão de aprendizagem filosófica, concentração da produção de conhecimento, proposições para a aprendizagem de filosofia. Ainda nesta seção, identificam-se os aspectos principais mobilizados por essas pesquisas e suas respectivas lacunas. Por fim, as pesquisas revelam vasta diversidade de abordagens nas investigações sobre aprendizagem filosófica, bem como, a falta de consenso em torno de uma definição unificada. Compreender o fenômeno da aprendizagem filosófica requer abordagens flexíveis e inclusivas, capazes de conectar-se a múltiplos contextos culturais, sociais e tecnológicas do cenário educacional contemporâneo.

2. Caminhos metodológicos

As pesquisas do tipo “estado da arte” ou “estado do conhecimento” têm ganhado destaque por sua abordagem bibliográfica, focada em examinar a produção acadêmica em diversas áreas do saber. Marocini e Fernandes (2014) definem o “estado de conhecimento” como um processo de identificação, registro e categorização da produção científica dentro de uma área específica e período determinado, buscando cartografar e debater trabalhos acadêmicos – incluindo dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos em periódicos e apresentações em congressos – para identificar tendências, temáticas recorrentes e aspectos metodológicos ao longo do tempo e em diferentes contextos. Conforme as autoras, é importante ressaltar que a geração de conhecimento científico não depende exclusivamente da pessoa-pesquisador, mas também é influenciada pelo contexto institucional, nacional e global no qual ele está inserido. Assim, a produção científica é moldada pelas normas e dinâmicas do campo científico ao qual pertence.

O estado do conhecimento sobre a aprendizagem filosófica no contexto acadêmico brasileiro, a partir da presente pesquisa, indica um tema em crescimento. Inspirando-se em Mendes (2014) ao analisar pesquisas no ensino de filosofia entre 2002 e 2011, com recorte no Ensino Médio, esta investigação expande sua abrangência. Utilizamos as bases de dados da

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Banco de dados de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para definir o intervalo temporal de análise, optou-se por iniciar no ano da primeira tese identificada na base de dados consultada, a partir dos descritores estabelecidos. Identificamos o ano de 1999 com a primeira tese voltada à temática em questão e estendemos o estudo até 2022, por meio da identificação dessas temáticas nos títulos, resumo e/ou palavras-chave. Os descritores da pesquisa combinaram *aprendizagem em filosofia*, *aprendizagem filosófica*, *aprendizagem de filosofia*, *aprendizagem da filosofia* e *aprender Filosofia*. Também foram utilizados operadores booleanos (AND, OR e AND NOT) como recursos de combinação de termos que facilitaram a busca nos bancos de dados.

O uso do descritor centrado na *aprendizagem filosófica*, em vez do *ensino de filosofia*, foi adotado com base na perspectiva destacada por Sílvia Gallo (2012). O filósofo argumenta que a aprendizagem é um processo complexo e que, geralmente, ao pensar no ensino de filosofia, tendemos a presumir que a aprendizagem está incluída. Em nossa perspectiva, corroborando com Sílvia Gallo, constata-se através das pesquisas analisadas que estudos voltados ao ensino de filosofia frequentemente não abordam diretamente a questão da aprendizagem. Se, por outro lado, mantivéssemos o descritor ensino de filosofia, isso resultaria em um volume excessivo de pesquisas que não seria útil à pesquisa em questão. Todavia, ao utilizar descritores voltados para a “aprendizagem filosófica”, encontram-se trabalhos mais específicos e fidedignos alinhados ao foco temático.

Foram identificados 47 trabalhos relevantes no período estudado, sendo 37 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. A inclusão dos trabalhos foi realizada com base em três critérios: primeiro pelo título, segundo pelas palavras-chave e terceiro pela leitura dos resumos. Após essa seleção inicial, foi feita a leitura completa dos trabalhos. Nesse processo, foram identificados os autores, as universidades (e as regiões onde as pesquisas foram conduzidas), os sujeitos da pesquisa, os objetivos e os principais resultados com o tema de *aprendizagem filosófica*. O critério de exclusão ocorreu conforme à ausência de pelo menos um dos descritores no título, nas palavras-chave e/ou nos resumos.

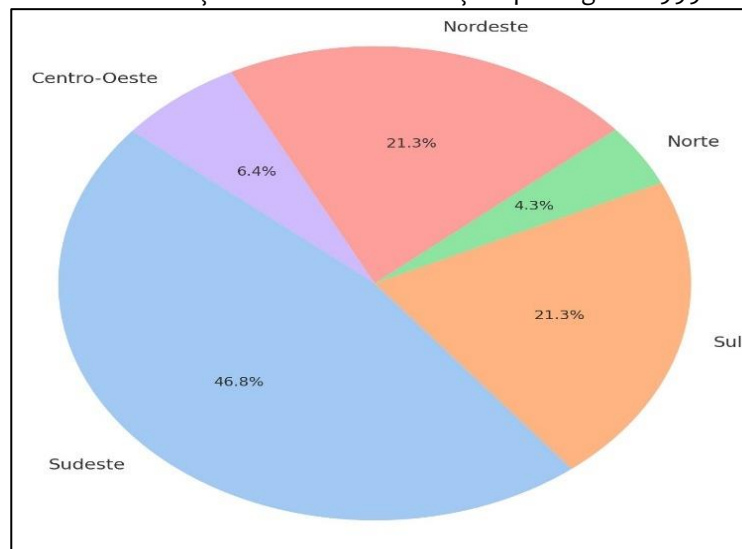
3. Dados preliminares das pesquisas sobre aprendizagem filosófica

A partir dos dados analisados, nota-se uma distribuição variada das pesquisas sobre aprendizagem filosófica pelos diferentes programas de pós-graduação existentes no Brasil.

Conforme anteriormente mencionado, entre as 47 pesquisas catalogadas, identificam-se 37 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. No que diz respeito às dissertações de mestrado, a maioria encontra-se vinculada a programas na área de educação, somando um total de 20 pesquisas. Em seguida, aparecem 12 dissertações associadas ao Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e 5 situadas em programas variados, incluindo ciências sociais, matemática e tecnologias. Quanto às teses de doutorado, observa-se uma clara predominância de pesquisas inseridas em programas de educação, onde todos os trabalhos se concentram.

O primeiro conjunto de informações para análise se representa pelo Gráfico 1, detalha a quantidade de pesquisas sobre aprendizagem filosófica realizadas em programas de pós-graduação, categorizadas conforme as regiões geográficas de condução:

Gráfico 1 - Distribuição de Teses e Dissertações por região - 1999 a 2022



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Os dados indicam uma distribuição desigual das pesquisas sobre aprendizagem filosófica em programas de pós-graduação stricto sensu pelo Brasil. A maior concentração dessas investigações, correspondendo a 48,8%, localiza-se na região Sudeste. As regiões Nordeste e Sul aparecem em seguida, cada uma com um percentual de 21,3%, enquanto a região Centro-Oeste responde por 6,4% das pesquisas. A região Norte tem a menor quantidade de produção, com apenas 4,3%. Ao agregar os estudos das regiões Sul e Sudeste, percebe-se que essas áreas somam 68,1% das pesquisas em aprendizagem filosófica.

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

Observamos alguns fatores principais influenciando a localização por área de conhecimento, o foco em determinadas temáticas, o volume das pesquisas em regiões do país e o recorte de gênero na produção de conhecimento:

Predomínio de Pesquisas em Programas de Educação. A análise dos dados sobre pesquisas em aprendizagem filosófica em programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil revela um domínio dos estudos nos programas de educação, que representam 57,45% do total. Esse panorama sugere uma tendência das pesquisas sobre aprendizagem filosófica aos programas de educação, reforçando o papel dessa área na investigação das questões pedagógicas da filosofia. Essa concentração se deve à distribuição geográfica dos programas de pós-graduação, com o Sudeste e Sul abrigando a maior parte desses programas, conforme Moritz e Melo (2011) apontaram. A não classificação pelo CAPES do ensino de filosofia como área de conhecimento específica direciona as pesquisas para programas de educação, que abordam temas como ensino, formação, práticas pedagógicas e metodologias. Isso conta com contribuições significativas de autores como Galeffi (1999), Fávero *et al.* (2004), Gelamo (2010), Gallo (2010), Ceppas (2019) e Velasco (2019).

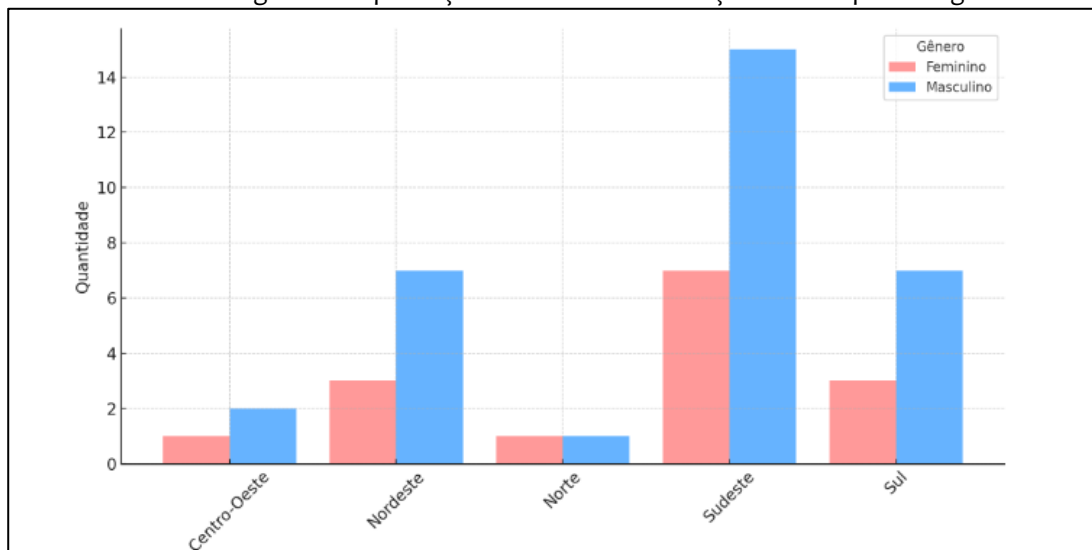
Foco em temas filosóficos tradicionais. Segundo Velasco (2019), programas de pós-graduação em filosofia frequentemente focam suas pesquisas em grandes temas filosóficos, como ética, política, lógica, epistemologia e teoria do conhecimento, em detrimento de questões pedagógicas específicas da filosofia. Isso aponta para uma tendência de separação entre investigações teóricas e pedagógicas dentro da disciplina.

Crescimento em pesquisas voltadas para a aprendizagem filosófica. Nos anos recentes, especialmente de 2019 a 2021, registrou-se um aumento de 39,13% na produção de dissertações voltadas para a aprendizagem filosófica. Esse crescimento foi estimulado por mestrados acadêmicos e profissionais enfocando o ensino, a educação básica e a docência, como os oferecidos pela UFG, UFMG, UFES e pelo Mestrado Profissional em Filosofia em rede (PROF-FILO), abrangendo linhas de pesquisa em Filosofia e Ensino e Prática de Ensino de Filosofia. Apesar desse aumento, muitos desses programas ainda se localizam nas regiões Sul e Sudeste. O PROF-FILO, particularmente, sobressai pelo seu modelo em rede, ajudando a reduzir as desigualdades regionais na pesquisa filosófica e reforçando as políticas de formação de professores da CAPES, com o suporte da ANPOF e sediado na UFPR. A notável presença do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) entre as dissertações de

mestrado revela um caminho importante para o fortalecimento e a especialização do ensino de filosofia no país, proporcionando uma estrutura específica para aprofundar questões ligadas à prática pedagógica da filosofia como um problema filosófico.

O recorte de gênero. Embora a análise de gênero não tenha sido detalhadamente explorada neste estudo, é possível inferir que, nas pesquisas em humanidades, especialmente aquelas de natureza qualitativa focadas em educação e ensino, predomina a participação feminina nas produções acadêmicas. No entanto, verifica-se que, especificamente no campo da filosofia e de pesquisas com temáticas voltadas à prática filosófica, independentemente do programa de pós-graduação, a presença de pesquisadores masculinos ainda é majoritária, indicando uma persistência de desigualdades de gênero mesmo em áreas com maior abertura para a diversidade. Em relação ao gênero dos pesquisadores temos a seguinte configuração, conforme o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Recorte de gênero na produção das Teses e Dissertações sobre aprendizagem filosófica



Fonte: Elaboração do autor (2024).

A relação de gênero na produção acadêmica reflete a complexidade dos fatores históricos, econômicos e culturais que moldam a sociedade, revelando uma predominância masculina na maioria das regiões do Brasil, com exceção do Norte. A distribuição de gênero por região revela uma predominância masculina em todos os locais analisados. No Sul, cerca de 62,5% das pesquisas são de autores de gênero masculino, enquanto aproximadamente 37,5% são de gênero feminino. No Sudeste, 71,79% das pesquisas são realizadas pelo gênero masculino, com menos de 28,21% sendo de gênero feminino. No Nordeste, há um predomínio masculino representando aproximadamente 75,86% dos registros, enquanto o gênero

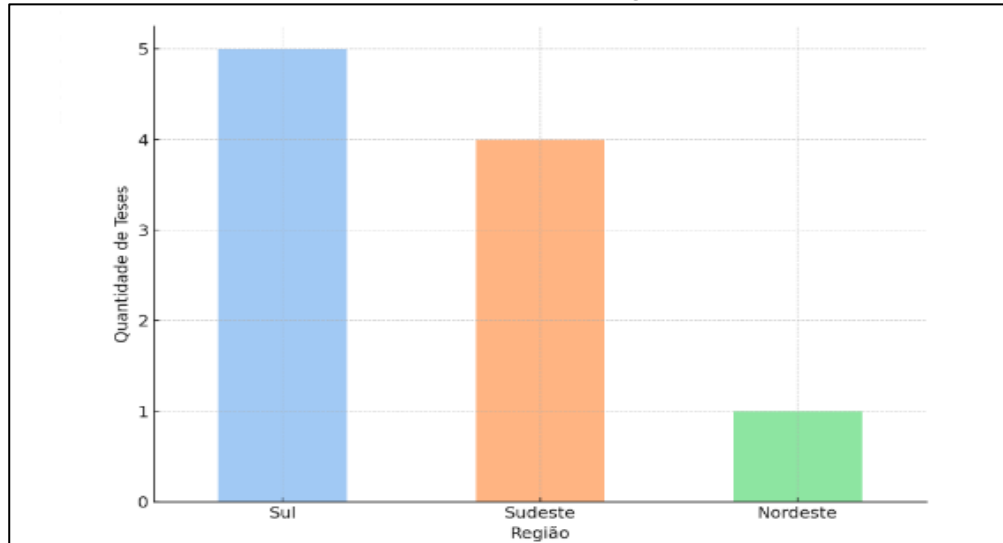
A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

feminino representa cerca de 24,14%. No Norte, observa-se que cerca de 50% dos registros são de gênero masculino e 50% são de gênero feminino. Por fim, no Centro-Oeste, quase 75% dos registros são de gênero masculino, com cerca de 25% sendo de gênero feminino.

Este cenário destaca a segregação sexual, territorial e hierárquica no meio científico, conforme apontam Silva e Ribeiro (2014) e Santos (2014), descrevendo a ciência como influenciada por uma sociedade sexista. Nesse contexto, as mulheres se fazem mais presentes nas humanidades, letras e artes, enquanto os homens predominam nas áreas tecnológicas e nas ciências ditas “exatas”. A ciência, marcada pela segregação de gênero, espelha as lutas históricas por igualdade social e a resistência contra concepções enraizadas que consideram essa divisão como natural.

Conforme as autoras Cirino, Medeiros e Félix (2020), embora existam mulheres que marcaram e continuam a influenciar o território da filosofia e da ciência com suas contribuições, sua presença é frequentemente omitida nos currículos acadêmicos, especialmente quando se trata de figuras femininas latino-americanas, indígenas ou africanas. Esse fenômeno não se deve à falta de contribuições femininas ao conhecimento filosófico ou científico, mas ao controle imposto pelo colonialismo masculino sobre os espaços de criação e reconhecimento do conhecimento, estabelecendo de forma arbitrária o que é considerado digno de ser classificado como filosofia ou ciência. As autoras enfatizam a importância de reconhecer que, para além dos dados que sugerem uma tendência de aumento na inserção e na paridade numérica de acesso e presença feminina como docentes e pesquisadoras nas Instituições de Ensino Superior, a questão é intrinsecamente mais complexa. Envolve implicações históricas, culturais e sociais que fundamentam a desigualdade e moldam as relações de subjetividade nos espaços acadêmicos, afetando a constituição da identidade da mulher como docente, estudante e pesquisadora.

Ademais, a análise desses dados contribui para uma compreensão mais ampla e complexa das dinâmicas atuais na pesquisa que tem como objeto a aprendizagem filosófica no Brasil. O Gráfico 3 demonstra onde as pesquisas de doutorado sobre a temática estão localizadas geograficamente:

Gráfico 3 - Teses distribuída por regiões do país

Fonte: Elaboração do autor (2024).

O Gráfico 3 destaca as discrepâncias regionais na produção acadêmica sobre aprendizagem filosófica. Esse padrão já foi observado no Gráfico 1, quando consideramos os 47 estudos (dissertações e teses) sem distinção entre eles. Nas teses de doutorado analisadas, as regiões Sul e Sudeste dominam a pesquisa, com 9 teses, representando 90% do total. A região Nordeste conta com 1 tese de doutorado, equivalente a 10%, enquanto as regiões Norte e Centro-Oeste não registram trabalhos sobre o tema. Esse padrão de concentração nas regiões Sul e Sudeste é explicado, em parte, pela distribuição histórica de desenvolvimento educacional e acadêmico nestas áreas. Damasceno e Beserra (2004) apontam que estas regiões se beneficiaram da expansão educacional e do desenvolvimento nacional, incluindo a criação de universidades, a qualificação de docentes e a implementação dos primeiros programas de pós-graduação, resultando em maior concentração de pesquisas nestes locais devido à instalação precoce de instituições de ensino superior e programas de pós-graduação

3.1 Análise panorâmica das pesquisas sobre aprendizagem filosófica

A análise das pesquisas de doutorado, defendidas em programas de pós-graduação em educação, revela caminhos analíticos variados. Predomina o enfoque na aprendizagem filosófica no ensino médio regular. Os resumos foram organizados de maneira sistemática, visando destacar segmentos pertinentes dos estudos que abordam a temática em questão.

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

Quadro 1. Teses sobre aprendizagem filosófica

| Ano | Área de investigação | Instituição | Autor (a) | Título |
|------|----------------------|-------------|----------------------------------|---|
| 1999 | Educação | UFBA | Dante Augusto Galeffi | Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia na escola média. Proposta de construção de um modelo metodológico para o ensino-aprendizagem de filosofia. |
| 2003 | Educação | UFRGS | Cláudia Cisiane Benetti | Processos de singularidade e diferença no ato educativo: um trabalho a partir do ensino-aprendizagem de filosofia no ensino médio |
| 2010 | Educação | UNICAMP | Americo Grissoto | Aprendizagem do pensamento em filosofia: história, afeto e conceito |
| 2010 | Educação | UFRJ | Ingrid Müller Xavier | O que significam ensinar e aprender filosofia? Notas a partir de uma experiência no Colégio Pedro II |
| 2013 | Educação | UFPR | Rui Valesse | Aprendizagem filosófica a partir do uso de textos filosóficos nas aulas de Filosofia no ensino médio |
| 2014 | Educação | UFPR | Ademir Aparecido Pinhelli Mendes | Atitude filosófica do jovem no cotidiano escolar do ensino médio: um estudo sobre as possibilidades da recepção do conteúdo de filosofia política |
| 2017 | Educação | UNINOVE | Lélio Favacho Braga | Impactos da aprendizagem da filosofia no ensino médio sobre a formação filosófica do pedagogo: um estudo de caso na UFPA |
| 2018 | Educação | UFPR | Wilson José Vieira | Objetivação da aprendizagem filosófica no ensino médio: uma análise da mediação docente e da produção discente a partir do uso do texto filosófico nas aulas |
| 2018 | Educação | UFSM | Simone Becher Araújo Moraes | Ler e escrever em filosofia no ensino médio em tempos de tecnologias digitais |

Fonte: Elaboração do autor (2024).

Três eixos temáticos foram estabelecidos para a análise das teses, conforme sinalizado anteriormente: o primeiro eixo intitulado *Compreensão de aprendizagem filosófica*, teve o objetivo de identificar como os estudos interpretam a relevância, os sentidos e os significados atribuídos à aprendizagem filosófica; O segundo eixo temático, *Concentração da produção de conhecimento*, teve como foco identificar os problemas centrais que direcionavam a temática investigada, procurando entender quais os aspectos da aprendizagem filosófica têm recebido maior atenção nos estudos analisados. Por fim, *Proposições para a aprendizagem de filosofia* buscou-se elucidar as propostas ou métodos sugeridos pelas pesquisas para o avanço e compreensão do ensino-aprendizagem de filosofia.

De modo geral, em relação ao eixo *compreensão da aprendizagem filosófica*, os estudos revelam falta de um consenso entre os pesquisadores sobre uma definição unificada. Gallo

(2012) argumenta que, dada a natureza aberta e propensa a interpretações diversas da filosofia, é impraticável abordá-la como um conhecimento geral e universal sem explicitar o ponto de partida teórico. Portanto, considera-se a prática de ensino uma posição deliberada, que engloba ensinar e aprender sob uma ótica filosófica, caracterizada pela reciprocidade pedagógica. Porém, ressalta-se que a aprendizagem em filosofia contempla uma diversidade de possibilidades além dos limites de planos, lógicas e expectativas usuais em sala de aula, sem assegurar a assimilação efetiva do conteúdo ensinado.

As pesquisas realizadas por Galeffi (1999), Benetti (2003), Xavier (2010), Grissoto (2010), Mendes (2014) e Braga (2017) concordam em ver a aprendizagem filosófica como uma postura, atividade ou processo de emancipação e criatividade, que exige liberdade. Esses estudos sugerem o ensino de filosofia para além da exposição conceitual, promovendo uma abordagem que encoraja os alunos a se envolverem com questões filosóficas, por meio da história da filosofia ou de suas experiências cotidianas, e os incentiva a formular análises e conclusões próprias.

Por outro lado, Valese (2013), Vieira (2018), Moraes (2018) e Rezende (2019) veem a aprendizagem filosófica sob a ótica dos estudos de Agnes Heller e Gilles Deleuze, concebendo-a como um processo de internalização da linguagem conceitual e de atitudes filosóficas, como a capacidade de viver e agir com discernimento. As pesquisas de Valese (2013), Vieira (2018) e Moraes (2018) destacam a leitura e a escrita como essenciais à aprendizagem filosófica, buscando a autonomia do estudante pela reinterpretação de suas experiências existenciais e da realidade. Rezende (2019), Mendes (2014) e Benetti (2003) investigam a interação entre ensino e aprendizagem filosófica não só como o desenvolvimento de habilidades racionais, mas como um compromisso com o pensamento crítico e criativo, fomentando a autonomia por meio do questionamento e da inovação conceitual.

No eixo *Concentração da Produção de Conhecimento*, observou-se um foco particular dos pesquisadores nas práticas pedagógicas em filosofia e na educação de estudantes do Ensino Médio. Os trabalhos de Benetti (2003), Xavier (2010), Mendes (2014), Vieira (2018) e Rezende (2019) concentram-se nas complexidades de ensinar e aprender filosofia para adolescentes. Eles abordam os desafios e contradições do processo de ensino-aprendizagem na intersecção com a cultura escolar, a integração da linguagem filosófica na formação ético-política dos alunos e as experiências de estudantes Surdos com a filosofia no contexto

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

educacional. Braga (2017) analisa as experiências de alunos do Ensino Médio no aprendizado de filosofia, investigando como esse processo contribui para a formação filosófica de futuros pedagogos. Xavier (2010) dedica seu estudo ao processo de ensinar e aprender filosofia, refletindo sobre as dificuldades e barreiras enfrentadas na docência em filosofia. De forma geral, esses estudos refletem sobre as dificuldades no ensino de filosofia, enfatizando questões sociais, políticas e econômicas como fatores influentes.

Diversos estudos, incluindo os de Moraes (2018), Valese (2013), Grissoto (2010) e Galeffi (1999), utilizam abordagens sociológicas e filosóficas para problematizar o ensino de filosofia e a prática docente na dinâmica ensino-aprendizagem. Moraes (2018) investiga o potencial das Tecnologias Digitais como ferramentas pedagógicas no processo de leitura e escrita filosóficas. Valese (2013) aborda a estruturação de etapas para o tratamento, leitura e compreensão de textos filosóficos. Grissoto (2010) defende uma pedagogia do conceito, inspirada em Deleuze e Guattari, como forma de revitalizar o pensamento filosófico. Galeffi (1999) sugere uma metodologia que trata a aprendizagem da filosofia como uma obra de arte, destacando a importância de aprender a ser, fazer, pensar e conviver.

Em relação às *proposições para a aprendizagem de filosofia*, destacam-se recomendações para superar as dificuldades no ensino e aprendizagem em filosofia. Benetti (2003) enfatiza a importância de considerar singularidades e diferenças na prática docente. Mendes (2014) concebe o professor-filósofo como mediador fundamental na aprendizagem, capaz de vincular experiências estéticas, científicas, políticas, éticas e psicológicas a soluções gnosiológicas. Braga (2017) propõe o livro didático como um instrumento pedagógico valioso para fomentar a reflexão ética e cidadã entre os jovens. Vieira (2018) e Rezende (2019) ressaltam a relevância do texto filosófico no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e pensamento crítico, adaptando essa metodologia a diversos públicos, incluindo a comunidade Surda, com o emprego da Língua de Sinais, em conformidade com a legislação e a tradição filosófica.

Nas investigações de Galeffi (1999), Xavier (2010), Grissoto (2010), Valese (2013) e Moraes (2018), destacam-se abordagens metodológicas destinadas a facilitar o processo de aprendizagem dos estudantes em filosofia. Galeffi (1999) introduz um “modelo/plano” que orienta o ensino de filosofia a partir dos “fenômenos próprios” da disciplina, utilizando instrumentos conceituais como meio para uma experiência experimental na aprendizagem

filosófica. Diante da cultura hipermoderna, caracterizada pelo predomínio do vídeo-imagem e pela valorização do corpo, Xavier (2010) sugere uma reformulação nas práticas de ensino e aprendizagem de filosofia, propondo o deslocamento do foco das tradicionais leitura e escrita para abordagens mais criativas, como o teatro, o uso de filmes e a exploração de textos filosóficos, inspirando-se no pensamento de Nietzsche. Influenciado por Deleuze e Guattari, Grissoto (2010) desenvolve uma pedagogia do conceito que encoraja uma leitura e interpretação inventiva do pensamento filosófico, fomentando a atualização e a recriação de conceitos filosóficos em contextos que envolvem os estudantes e as obras. Valese (2013) foca na elaboração de uma metodologia específica para a leitura e interpretação de textos filosóficos clássicos, enquanto Moraes (2018) enfrenta o desafio de integrar tecnologias no ensino, utilizando ferramentas digitais para suportar a leitura e escrita filosófica, com especial atenção ao contexto do Ensino Médio.

Essas pesquisas abrangem um amplo espectro de abordagens metodológicas para o ensino e a aprendizagem de filosofia, destacando a diversidade de perspectivas na área e promovendo um diálogo entre diferentes compreensões teóricas e suas proposições. Uma atenção especial é dedicada à identidade do ensino de filosofia e às questões metodológicas relacionadas, levando em consideração os desafios específicos encontrados ao ensinar essa disciplina e as estratégias sugeridas para superá-los. Tal foco nos estudos analisados também revela o empenho dos pesquisadores em questionar filosoficamente, tanto teórica quanto a partir da prática em sala de aula, o processo de ensinar e aprender filosofia.

Os estudos analisados revelam lacunas na pesquisa, particularmente no que diz respeito à aprendizagem de filosofia na formação de professores. O trabalho que mais se aproxima do foco desta temática é Braga (2017), ao investigar os efeitos da aprendizagem de filosofia em estudantes do Ensino Médio e como esses aprendizados impactam futuros pedagogos, especialmente em suas experiências com filosofia da educação na Universidade Federal do Pará (UFPA).

O levantamento das produções acadêmicas sobre aprendizagem filosófica revela que, apesar da variedade de abordagens teóricas e metodológicas utilizadas pelos pesquisadores, existem áreas de consenso emergindo das análises sistemáticas dos estudos. Estas áreas de acordo não se contrapõem, mas se complementam ao abordar diferentes dimensões pedagógicas e didáticas do ensino de filosofia. Quatro aspectos principais foram identificados nas pesquisas analisadas:

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

I. Reconhecer a realidade vivida pelos estudantes e os contextos específicos onde ocorre o ensino de filosofia. Acolher o contexto social dos estudantes permite orientar didática e pedagogicamente os conteúdos filosóficos de modo que se tornem implicados e tensionadores dessa realidade, abrindo caminho para outros modos e possibilidades. Isso conecta o ensino de filosofia à vida dos estudantes, tornando a aprendizagem mais relevante e significativa;

II. O entendimento da aprendizagem filosófica como um processo que envolve a atitude dos estudantes, tanto subjetiva quanto objetiva, na formulação de suas próprias questões e na busca por respostas traduz-se em um processo de autoaprendizagem. Isso é incentivado por um ensino de filosofia que se conecta ao contexto histórico-cultural de cada estudante, problematizando o senso comum, fomentando a curiosidade, a alteridade e o diálogo.

III. A atenção à necessidade filosófica e ao propósito pedagógico ressalta a singularidade do ensino de filosofia, que é simultaneamente cultural, pedagógico e filosófico. Este enfoque destaca os desafios presentes na aprendizagem e sugere abordagens didáticas filosóficas específicas para superá-los.

IV. O foco no aspecto formativo da filosofia a partir da aprendizagem, destaca (a) a importância da apropriação de um conjunto sistematizado de informações, (b) o desenvolvimento de habilidades cognitivas específicas à filosofia, e (c) a formação intelectual e cultural que vincula conhecimento e experiência. Esse ponto enfatiza a relevância do ensino que incentiva os estudantes em diferentes sistemas de referência e experiências, promovendo uma aprendizagem filosófica que de modo original lida com textos filosóficos, literários, científicos e artísticos como ferramentas base para a reflexão;

A aprendizagem filosófica, portanto, não se limita a uma transmissão de conhecimento; ela é, acima de tudo, uma postura experimental que valoriza a escuta ativa e a interação com o presente, mantendo-se alinhada ao rigor crítico-reflexivo que define a filosofia em seu nível profissional. Além do mais, antes de se estabelecer como uma disciplina acadêmica ou componente curricular formal, a filosofia já se manifestava por meio de prática dialógica, caracterizada por um engajamento ativo no diálogo e na criação de sentido e significados no mundo vivido. Esse processo envolve a assimilação e a aplicação de linguagem, conceitos, sentimentos, percepções, afetos, intuições, questões, ideias e

argumentações, além da organização e sistematização desses elementos de maneira coerente. Essa apropriação vai além das competências lógico-argumentativas ou cognitivas típicas de um domínio específico, estabelecendo, em vez disso, um espectro de atuação marcado por diversos níveis de vivência, intensidade e criação.

4. Considerações finais

Diante dos dados analisados para responder ao problema proposto pela pesquisa sobre as tendências e lacunas nas pesquisas com foco na aprendizagem filosófica no Brasil, observa-se uma significativa falta de estudos dedicados especificamente à aprendizagem filosófica na formação de professores. Esse cenário indica um vasto campo de investigação ainda não plenamente explorado quanto à aprendizagem filosófica. A atenção investigativa predomina nas práticas pedagógicas e metodologias tendo como sujeitos os estudantes do Ensino Médio, revelando uma escassez notável em pesquisas direcionadas aos processos de aprendizagem dos educadores que ensinam filosofia ou daqueles em contato com a filosofia no nível universitário.

A análise das pesquisas destaca a aprendizagem filosófica como um processo que estimula a emancipação e a criatividade, encorajando os estudantes a investigar questões filosóficas com base em suas experiências e percepções individuais. Simultaneamente, ressalta-se a necessidade de internalizar uma linguagem e práticas filosóficas específicas para fomentar a autonomia, o discernimento e o envolvimento na reflexão filosófica. Tal equilíbrio entre a exposição conceitual e a vivência prática abre caminhos promissores para uma educação filosófica ativa e engajada. Dessa forma, o ensino de filosofia se revela não somente como uma área de conhecimento a ser adquirido, mas como um processo dinâmico e criativo de questionar, refletir, criar e descobrir.

Considerando os achados desta pesquisa, defende-se que a diversidade de abordagens nas pesquisas sobre aprendizagem filosófica destaca a ausência de um consenso sobre uma definição uniforme. Revelou-se que, considerando a natureza aberta da filosofia, a prática pedagógica deve ser intencional e deliberada, abrangendo tanto o ensino quanto a aprendizagem sob uma ótica filosófica. Em geral, as pesquisas analisadas, ao voltarem-se para o ensino e aprendizado de filosofia, ressaltam a importância de abordagens que respeitem a singularidade dos contextos educacionais e dos estudantes. Portanto, conclui-se que pensar a aprendizagem filosófica é também pensar o ensino flexível, inclusivo, capaz de se conectar às variações culturais, sociais e tecnológicas que caracterizam o cenário educacional

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

contemporâneo, o que traz à tona novos desafios que precisam ser divulgados, compartilhados e debatidos.

Referências

BENETTI, Cláudia Cisiane. **Processos de singularidade e diferença no ato educativo: um trabalho a partir do ensino-aprendizagem de filosofia no ensino médio.** 2003. 169f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

BRAGA, Lélío Favacho. **Impactos da aprendizagem da filosofia no ensino médio sobre a formação filosófica do pedagogo: um estudo de caso na UFPA.** 2017. 153f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, 2017.

CEPPAS, Filipe. **Ensaio de filosofia nos trópicos: questões de ensino e aprendizado.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

FÁVERO, Altair Alberto; CEPPAS, Filipe; GONTIJO, Pedro Erginaldo; GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez., 2004.

FÉLIX, Santana Taciana Mariz; CIRINO, Maria Reilta Dantas; MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. A luta por reconhecimento da mulher-pesquisadora na filosofia e na ciência: experiências de mulheres nordestinas na universidade pública. **Problemata: R. Intern. Fil.**, v. 11. n. 3, p. 12-29, 2020.

GALEFFI, Dante Augusto. **Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia na escola média.** Proposta de construção de um modelo metodológico para o ensino-aprendizagem de filosofia. 1999. 544 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 1999.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio.** Campinas: Papirus Editora, 2012.

GALLO, Sílvio. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. **Educação**, 1(2), p. 229–244, 2010.

GARCIA, Amanda V. **A filosofia e seu ensino podem colaborar para adiar o fim do mundo?** 2021. 289f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2021.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GRISOTTO, Americo. **Aprendizagem do pensamento em filosofia: história, afeto e conceito.** 2010. 172f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

MATIAS DOS SANTOS, Vívian. Para pensar o campo científico e educacional mulheres, educação e letras no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 58, p. 585-607, jul./set., 2014.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Atitude filosófica do jovem no cotidiano escolar do ensino médio**: um estudo sobre as possibilidades da recepção do conteúdo de filosofia política. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

MORAES, Simone Becher Araujo. **Ler e escrever em filosofia no ensino médio em tempos de tecnologias digitais**. 2018. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

REZENDE, Edson Teixeira de. **A recepção filosófica do estudante surdo no ensino médio**. 2019. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2019.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, n. 10, p. 25-42, jul./dez. 2011.

VALESE, Rui. **Aprendizagem filosófica através do uso de textos filosóficos nas aulas de filosofia no ensino médio**. 2013. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2013.

VELASCO, Patrícia Del Nero. **Filosofar e Ensinar a Filosofar**: registros do GT da ANPOF – 2006-2018. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2020.

VELASCO, Patrícia Del Nero. **Ensino de – qual? – filosofia**: ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. **Proposições**, v. 33, p. 1-26, 2022.

VIEIRA, Wilson José. **Objetivação da aprendizagem filosófica no ensino médio**: uma análise da mídia docente e da produção discente a partir do uso do texto filosófico nas aulas. 2018. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2018.

XAVIER, Ingrid Müller. **O que significam ensinar e aprender filosofia?** Notas a partir de uma experiência no Colégio Pedro II. 2010. 202 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

A produção de conhecimento sobre aprendizagem filosófica no Brasil (1999 – 2022): o que revelam os estudos?

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio técnico e financeiro.

Sobre o autor

Alexsandro da Silva Marques

Doutor em Difusão do Conhecimento e Mestre em Educação, ambos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação Paulistana (FAEP). Pesquisador no Núcleo Carolina Maria de Jesus: Pesquisa e Extensão em Educação Popular (CFP/UFRB). Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE), da Associação Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Andipe) e da Rede Internacional Polilógica e Politética (RIPP). *E-mail:* amarques89@hotmail.com; *Currículo lattes:* <http://lattes.cnpq.br/2739874089245336>; *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-1230-2578>.

Recebido em: 28/02/2024

Aceito para publicação em: 21/05/2024